

UM LIVRE PENSAR SOBRE UM TEMA COMPLEXO: O PRECONCEITO COMO CONDIÇÃO DO HUMANO

Humberto Vicente de Araújo

Acadêmico Titular da APMED – Cadeira 19

“Todo preconceito é ruim.

A distinção entre o bem e o mal só pode se basear em preconceito.

Portanto, a distinção entre o bem e mal é um equívoco” (Dalrymple)

Inegavelmente, um dos temas mais presentes e inquietantes na atualidade é o preconceito. Esse assunto passou até a ser embaraçoso, pois nos leva quase à paranoia pela possibilidade de proferirmos algo que possa ser percebido como impróprio ou mesmo ofensivo. A espontaneidade nas nossas comunicações e interações sociais parece ameaçada, obrigando-nos a excluir do nosso vocabulário termos coloquiais como “negritude”, “criado-mudo”, “baixinho”, “gordinho” e outros. Marchinhas consagradas do nosso carnaval, como “Nega do Cabelo Duro” e “A Cabeleira do Zezé” agora estão fora do nosso repertório por serem consideradas preconceituosas. O mesmo ocorre com muitas obras da nossa literatura, como os contos infantojuvenis de Monteiro Lobato. Enfim, estamos regidos pelo preconceito de ter preconceito.

O vocábulo *preconceito* pode ser definido como um sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio. Segundo o Dicionário Aurelio, é o “*conceito ou opinião formados, antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos*”.

Para Allport (1954), o preconceito seria uma atitude hostil, ou mesmo preventiva, a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque pertence a esse grupo, supondo-se, portanto, que possui as características contestáveis atribuíveis a esse grupo.

O preconceito pode assumir diversas formas: quanto à raça, à situação socioeconômica, à orientação sexual, à saúde (física ou mental), à religião, à idade etc. No contexto em que vivemos, são mais frequentes o preconceito em relação à raça, à orientação sexual, podendo se

manifestar de várias formas, tais como a verbalização negativa, a evitação, a discriminação, o ataque físico e a exterminação. A classe médica é muito atingida pelo etarismo, devido ao preconceito que o profissional, depois de certa idade, não se atualiza e está “superado”.

Essas manifestações do preconceito podem ocorrer em uma verdadeira progressão. Inicialmente, pensamos ofensivamente acerca do objeto do nosso ódio, em seguida poderemos passar a xingá-lo. Posteriormente, nos determinamos a evitá-lo ostensivamente. Não satisfeitos, passamos ao ataque físico, podendo finalmente levá-lo à morte. Essa progressão de manifestações do preconceito foi claramente demonstrada pelos nazistas alemães durante a Segunda Grande Guerra. Como lembra o psicanalista britânico Wilfred Bion, passamos do impulso diretamente para a ação sem a mediação do pensamento. Ocorre uma verdadeira “pane” no nosso aparelho de pensar. E isso é a marca do preconceito, a falta da lógica, da reflexão e o predomínio do ódio vazio em busca de objetos. Ademais, contribuindo para agravar tudo isso, vivemos uma “Cultura Líquida” como a assinalada por Bauman ou uma “Civilização do Espetáculo”, abordada por Mario Vargas Llosa, que não proporcionam espaço para o pensar e para a reflexão. Estamos em um caldo cultural perfeito para o desenvolvimento de ideias preconceituosas. Vivenciamos a “tempestade perfeita”.

Possivelmente, o preconceito deve ter existido desde o surgimento das primeiras hordas e das primeiras tribos humanas, tendo-se acentuado com o progredir do processo civilizatório. Também ressaltaria a busca da identidade grupal como uma defesa contra o diferente. Este, o diferente, sempre será percebido como uma ameaça ao grupo, despertando um sentimento de raiva, e, muitas vezes, levando à necessidade da sua exclusão ou do seu controle. Isso torna-se muito evidente nas citações intolerantes: “somos o povo escolhido por Deus”, “quem não está comigo, está contra mim”, presentes nos escritos religiosos e no “nós e eles”, do discurso dos políticos atuais.

Evidentemente, pagamos um preço pela diferença. Quem não recorda da nossa infância? Sofriam os colegas e amigos pelo fato de serem baixos, altos, magros, gordos, galegos, negros e “sarracênos”, ou seja, por se encontrarem “fora do padrão”, por não pertencerem à média. Uns passaram incólumes por essas experiências, outros profundamente marcados, mas todos, possivelmente, as guardam como desagradáveis lembranças.

Como lembra Freud no seu livro “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921), o homem não vive sem o outro. Em razão disso, o modo de pensar e funcionar em grupo difere

do individual. As restrições do superego individual são atenuadas e as do sujeito ficam à mercê do grupo. No nosso cotidiano, vemos como pessoas aparentemente saudáveis, mas que em grupo podem tornar-se enfurecidas e capazes de promover as mais variadas violências, como são vistas nos linchamentos de “presuntos delinquentes”, efetuados por pessoas comuns. Assim, o preconceito vivenciado em grupo torna-se, potencialmente, mais intenso, mais nocivo e temerário.

O sentimento de ódio, marca registrada do preconceito, desnuda uma questão importante, que é a repressão imposta pela nossa cultura, como forma de permanecermos “civilizados”. Freud aborda muito bem essa questão no seu trabalho “O Mal-estar na Civilização” (1930), no qual demonstra que o homem tem de renunciar aos seus impulsos básicos para conseguir sobreviver em grupo. Mais recentemente, o psiquiatra e pensador britânico Anthony Daniels, utilizando-se do pseudônimo Theodore Dalrymple, seguindo essa linha de pensamento, diz que o estado natural da condição humana é a pobreza, a ignorância e a anarquia. Somente com muito esforço e pelo auxílio civilizatório o homem pode reverter esse estado, alcançando a riqueza, a inteligência e a tranquilidade. Ressalta ainda a necessidade da repressão de certos “instintos e apetites” para permitir a vida em coletividade e defende que os valores civilizatórios são mutáveis.

Em um grupo, seja ele qual for, todo sentimento e ato são contagiosos ao ponto de o indivíduo sacrificar o seu interesse pessoal pelo interesse coletivo. Vejamos as torcidas de times de futebol enfurecidas atacando-se por motivos absolutamente fúteis. Assim, comprovamos que o preconceito grupal passa a ter efeitos devastadores pela disposição em julgar os outros pela sua diferença.

A meu ver, esses aspectos que incomodam os pensadores contemporâneos têm atingido dimensões exageradas. O combate ao preconceito tem assumido grande proporções, constituindo-se um verdadeiro “patrulhismo” que chega a limitar as comunicações verbais, escritas ou virtuais. Jornalistas, políticos e comentaristas esportivos têm sido obrigados a se retratarem por terem emitido comentários considerados preconceituosos. Vivemos um policiamento do “politicamente correto”, e isso pode tornar-se antipático.

Por outro lado, é muito importante que esse tema seja trazido à tona e debatido, porque viver com esse ódio trazido pelo preconceito é inconcebível e abominável na sociedade contemporânea. Até mesmo o pensamento conservador e instigante de Dalrymple na sua

polêmica obra “Em Defesa do Preconceito” (2007) evidencia que aspectos do preconceito foram excluídos ou omitidos em razão do preconceito contra o preconceito. O desejo de eliminação de qualquer preconceito é desejável, mas ressalta o autor que a sua completa eliminação é impossível, uma vez que um preconceito será naturalmente substituído por outro, nada garantindo que o novo preconceito seja melhor que o anterior. Esse reflexivo autor, no capítulo da sua obra “Sem Preconceito Não Há Virtude”, nos faz pensar quando nos traz esse interessante silogismo:

“A distinção entre o bem e mal é, ao mesmo tempo, inevitável e necessária para o exercício da virtude.

A distinção entre o bem e o mal se baseia em preconceito.

Portanto, o preconceito é necessário para o exercício da virtude”.

Na perspectiva de Dalrymple, o preconceito poderia exercer uma função “normatizadora”.

Por outro lado, querer “normatizar” através da promulgação de Leis contra o preconceito não impede o preconceito em si, podendo coibir apenas as suas manifestações ou externalizações. O preconceito é da ordem do emocional, não se sujeitando às leis do racional, pois “o preconceito é como a natureza na famosa frase das cartas de Horácio: ainda que a expulsa com um forçado, a natureza voltará a aparecer” (Dalrymple).

É importante lembrar, também, que o preconceito não é herdado, mas aprendido e que “o tempo é o senhor da razão”. Muitos preconceitos desapareceram ou foram atenuados com o passar do tempo, e a mídia desempenha um importante papel em passar a imagem e a informação corretas. As imagens publicitárias de pouco tempo atrás pareciam mostrar que a nossa população era toda ariana: os modelos todos brancos e muitos de olhos azuis. Agora, já percebemos que as peças publicitárias passaram a expressar melhor a nossa realidade racial e de gênero. No entanto, a mídia tem que ser suficientemente prudente em lidar contra o preconceito, porque uma imagem ou mensagem percebidas como agressivas podem acentuar o sentimento preconceituoso. Além da divulgação na mídia e de um amplo debate sobre o tema, programas de cidadania inseridos precocemente nas escolas devem incluir o respeito à diferença, incentivando a difícil, mas desejada convivência harmoniosa entre todos.